

A DANÇA PARA CADEIRANTES COMO MÉTODO TERAPÊUTICO

DANCE FOR CHAIRMAN AS A THERAPEUTIC METHOD

Mateus Vasconcelos⁶

Resumo

A dança vem sendo utilizada como meio terapêutico para pessoas com deficiência física desde 1940, é importante ressaltar que essa dança promove ações que envolvem a construção do movimento, gesto, por meio da expressão corporal, resgatada de memórias emotivas e da descoberta de novas possibilidades corporais na cadeira de rodas, envolvendo a reflexão e pensamento dançantes para uma dança mais inclusiva, sendo considerada um recurso artístico-terapêutico, auxiliando no bem estar físico, emocional e social das pessoas cadeirantes. Para tal, foi feito um estudo de caráter longitudinal que visou analisar a coordenação global, coordenação óculo manual, esquema corporal e estímulo das emoções nas características dos mesmos elementos amostrais ao longo de um período de tempo. O objetivo deste estudo é analisar a dança para cadeirantes como forma terapêutica, tendo foco nas pessoas que possuem paralisia cerebral, expondo os benefícios proporcionados pela dança que auxiliam nas possibilidades terapêuticas, transformando a deficiência em sua totalidade em experimentos corporais, cujo o resultado pode ser compartilhado, mostrando uma nova forma de trabalhar a dança para cadeirantes e suas novas possibilidades físicas. Como resultado deste processo, os sujeitos de pesquisa tiveram grande melhoria na psicomotricidade, possibilitando para as bailarinas cadeirantes novas descobertas corporais e uma verbalização de suas emoções, criando e recriando diferentes formas de manifestações da sua linguagem corporal, melhorando suas relações sociais, respeitando suas diferenças e entendendo seus limites e superações, valorizando suas potencialidades.

Palavras-chave: Arte. Inclusão. Terapia. Cadeirantes.

1. Introdução

A dança é uma das formas do cadeirante reconectar-se com seu universo e aceitar-se, superando seus limites e quebrando paradigmas, estimulando ações corporais bem expressivas que envolvem a construção de pensamentos, associações de ideias para produzir seu próprio movimento, tendo uma conotação afetiva, emocional, importante para o processo terapêutico e artístico. Optou-se por uma pesquisa longitudinal, por considerar que é fundamental se aprofundar em metodologias e técnicas terapêuticas por meio da dança, para que professores que possuem alunos cadeirantes possam desenvolver um processo corporal terapêutico e ao mesmo tempo técnico. Este interesse por buscar metodologias que possam agregar ao cadeirante surgiu em 2016, quando foi criada a cia de dança: Dançando sobre rodas, onde deu-se início aos estudos, metodologias, exercícios e espetáculos de dança voltados para a

⁶ Formado em Licenciatura em Pedagogia e Artes Visuais / UNIMES. Pós-graduado em Arte terapia/FALC. Pós-Graduando em Educação Especial e Inclusiva e Neuropsicopedagogia Institucional e Clínica/FACIBA.

inclusão de uma outra perspectiva corporal: a dança contemporânea e seu processo investigativo, por meio de movimentos terapêuticos.

Por meio dos estudos com a Cia Dançando sobre rodas, durante cinco anos, percebeu-se que a dança é uma das formas que o cadeirante pode se reconectar com seu universo e sua autoaceitação, superando seus limites e quebrando paradigmas, tendo ações corporais bem expressivas que envolvem a construção de pensamentos, associações de ideias, produzindo o seu próprio movimento, tendo uma conotação afetiva e emocional.

Segundo Barros (1991), desde 1940, a dança vem sendo utilizada também como meio terapêutico para pacientes em reabilitação. Sendo assim, e transpondo o aspecto terapêutico, a dança tem como principal função fornecer um caminho para reabilitação por um meio não-convencional, analisando acertos e erros das práticas inovadoras, escrevendo e inventando possibilidades. Talvez seja necessário aproximar conhecimentos antropológicos, culturais, artísticos e reinventar este modo de reabilitação-terapêutica, em que a valorização da criatividade transforma os caminhos da deficiência em experiências, cujos sentidos e emoções possam ser compartilhados por meio da dança. Este olhar para dança com cadeiras de rodas e a forma terapêutica consiste em proporcionar uma dimensão subjetiva na qual, mediante ao movimento corporal, o sujeito fala de si, da sua realidade social, das suas ansiedades e questionamento, procurando sempre desafiar-se e assim melhorando sua autoconfiança e progressos da saúde física e emocional, “não há pessoas deficientes, há pessoas diferentes. De educação especial é bem possível que todos precisemos” (SÉRGIO, 2001, p. 135).

Assim o objetivo deste artigo foi analisar metodologias de dança voltadas para cadeirantes como forma terapêutica, proporcionando um novo olhar, e trazendo uma sistematização de dança para cadeirantes. Uma vez que todo trabalho que tenha um processo corporal, a pessoa adquire uma dimensão terapêutica na medida em que o corpo é tomado como consciência e referência direta de nossa existência mais profunda. Para a realização da pesquisa utilizou registros fotográficos e portfólio do processo corporal e apresentações ao longo de cinco anos de estudos e da existência da Cia Dançando sobre rodas.

Nas considerações finais, apresentam-se resultados positivos durante esse processo de cinco anos de estudos, enfatiza-se uma grande melhoria na psicomotricidade, possibilitando às bailarinas cadeirantes novas descobertas corporais e uma verbalização de suas emoções, criando e recriando diferentes formas de manifestações da sua linguagem corporal, melhorando suas relações sociais, respeitando suas diferenças e entendendo seus limites e superações, valorizando suas potencialidades. Além de mostrar uma nova forma de comunicação, trazendo a autoestima, e até mesmo proporcionando as alunas viagens

internacionais, apresentações e estudos individuais, trazendo sua própria criação de processos coreográficos e sua autonomia.

2 Fundamentação teórica

As pessoas com deficiência física, durante muitos anos, foram confinadas a fazer parte de uma camada excluída da sociedade. As barreiras arquitetônicas encontradas, basicamente na maioria dos lugares, e a valorização das limitações inseriram o deficiente físico na camada inativa da sociedade, o que contribuiu para o isolamento dessa população no contexto social.

Dados do Censo Demográfico 2018 divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) demonstraram que o Brasil possui 12.748.663 pessoas com algum tipo de deficiência, (6,7% do total da população). Segundo o Decreto 7.612/2011 (BRASIL, 2011), pessoas com deficiência são aquelas que têm “impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, os quais, em interação com diversas barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdades e condições com as demais pessoas” Sendo assim, os tipos de deficiências podem ser: auditiva, física, visual, intelectual e múltipla.

Tendo por base o Manual de classificação das consequências das Doenças, da Organização Mundial de Saúde (O.M.S.), de 1976, torna-se pertinente compreender os conceitos de deficiência, incapacidade e de desvantagem (*handicap*).

De acordo com o modelo médico de doença, considera-se que esta existe sempre que ocorre algo de anormal no indivíduo, seja à nascença (congénito), seja mais tarde (adquirido), devido a uma sequência de circunstâncias causais (etiologia) que provocam alterações na estrutura ou no funcionamento do corpo (patologia).

A Paralisia Cerebral foi definida no Congresso Mundial da Paralisia Cerebral, realizado em Berlim em 1967. Segundo Bobath, a paralisia cerebral é o resultado de uma lesão ou mau desenvolvimento do cérebro, de caráter não progressivo, que existe desde a infância.

O termo Paralisia Cerebral (PC) é utilizado para referir o resultado de uma lesão cerebral que promove a dificuldade, a inabilidade ou o descontrole de certos movimentos do corpo e dos músculos, isto é, da sua ineficiência. As pessoas afetadas por Paralisia Cerebral têm uma perturbação do controle dos movimentos do corpo e das suas posturas e, como consequência de uma lesão ocorrida numa ou em mais áreas cerebrais, que controlam e coordenam o tônus muscular, os reflexos e a ação (SHERRILL, *et. al*, 1986).

2.1 Aspectos neurológicos

Segundo Ferreira (1998), a dança em cadeira de rodas está além de um vocabulário de passos e técnicas, existentes nas outras modalidades de dança, pois ela pressupõe uma certa especificidade na realização do movimento que deve ser observada. Uma das consequências desta especificidade é a deficiência motora que provoca movimentos corporais diferenciados.

Na dança, o objetivo das técnicas é realizar determinados movimentos, e seu propósito é adquirir habilidades como girar, equilibrar, dominar a cadeira de rodas dentre outros. Nesse sentido, temos um corpo ligado a uma informação muitas vezes vinculado à uma cadeira de rodas, então entende que alguns movimentos de dança poderão atuar de maneira diferenciada do que seria atuar em outro corpo que tem outros tipos de limitações. A “informação” dança, seja ela de que natureza for, exige diferenciados modos de organizar a compreensão do movimento.

Os movimentos de dança realizados pelas pessoas com deficiência física são baseados inicialmente nas informações contidas no seu sistema neuromotor, levando em consideração os prejuízos causados pela lesão instalada, que estão relacionados com sua localização. As consequências inclui a perda de motricidade até a perda da sensibilidade. No caso da pessoa com lesão medular, o movimento é prejudicado, tendo em vista que o *feedback* cinestésico é um aspecto relevante, pois pode não incluir informações sobre força, comprimento muscular e posições das articulações do corpo, que são importantes para a execução do movimento.

O ato motor só pode seguir o seu curso correto se existir um tal sistema de sínteses aferentes. Uma oferta constante de informações aferentes é essencial para execução correta do último componente de todo movimento voluntário: a verificação do seu curso e a correção de quaisquer erros que possam ter sido cometidos. Esta verificação do curso de uma ação e a correção de erros eventuais são feitas com o auxílio da constante comparação entre a ação como é executada e a intenção original (LURIA, 1981, p.217)

Assim, o ato motor depende das vias aferentes, como por exemplo visão, audição, cinestesia, e quando não se tem a possibilidade do movimento ativo é possível se trabalhar com o movimento passivo, isto é, com o auxílio de uma outra pessoa e permitir entradas sensoriais pelas vias remanescentes levando a percepção da experiência do movimento realizado.

2.2 Perspectiva de dança terapêutica

Na Psicologia e Psicoterapia, a abordagem que enfatiza a dimensão da expressividade corporal no processo terapêutico é a psicoterapia corporal, cujos principais representantes são Wilhelm Reich e Alexander Lowen. Tal enfoque parte do pressuposto que os conflitos

emocionais, não diluídos, entram-se na musculatura do corpo e formam uma espécie de nó que impedem a expressão do prazer, da alegria de viver, e quando os movimentos espontâneos do corpo são bloqueados por essas tensões, ele vai desvitalizando-se e enrijecendo, de forma a obstruir também a mente, pois há uma relação de mutualidade seminal entre corpo e mente (LOWEN, 1982). Portanto, a dança para cadeirantes como uma forma terapêutica, muitas vezes, facilita para o indivíduo encontrar suas potencialidades, seus pensamentos e emoções, tendo em vista sua estruturação e desenvolvimento da movimentação, que vai se ordenando com o tempo, espaço, consigo e com o mundo externo.

Além disso, para Bertazzo (1998), o corpo é um livro de registros, que fala, se expressa, chora, sorri e sente dor, sendo a dor um reflexo de um espasmo de defesa, um apelo de reorganização, um chamamento à consciência corporal.

A dança para cadeirantes traz o reconhecimento todo o seu potencial de movimento, aprendendo a movimentar-se a partir do interior do corpo, priorizando seu próprio ritmo, sem forçar ou provocar tensões. Pelas técnicas fisioterapêuticas e psicoterapêuticas, torna-se um recurso terapêutico auxiliar na reabilitação, por ter como objetivo melhorar as qualidades físicas (esquema corporal, equilíbrio, ritmo, coordenação motora, organização espacial e flexibilidade).

As contribuições da dança para o cadeirante passa por modos de pesquisar o processo terapêutico mediante ao movimento expressivo, diz respeito a deficientes físicos afetados pelo mundo e capazes de afetar por uma escrita que acompanha os corpos como uma dança. Reich (1995) já afirmava que o organismo vivo tem seus próprios modos de expressar o movimento, os quais muitas vezes, simplesmente não podem ser colocados em palavras. Dessa forma, a dança pode ser pensada como um potencial expansivo de manifestações das emoções e afirmações de singularidades.

Para Bruno Latour (2008), ter um corpo é ter disponibilidade de ser afetado e afetar. Os efeitos das práticas coreopolíticas da dança-pesquisa se dão em territórios provisórios que abrem fissuras as cristalizações e rigidez dos modos de viver a pesquisa. Dançar é mergulhar na infixidez dos modos de viver a pesquisa como prática experimental estética, ética e política. Ao dançar-pesquisar, os corpos adquirem distintas materialidades e consistências nas relações que estabelecem com o mundo, e por isso, não são reflexos de uma personalidade prévia. Fronteiras, lugares, datas, espaços e tempos são ressignificados nas discontinuidades dos acontecimentos, nos ritmos da criação da dança para cadeirantes e da pesquisa.

3 Metodologia

A metodologia fundamentou-se no esquema de Rudolf Laban (1978), na perspectiva da psicoterapia corporal, e nos estudos com as bailarinas da Cia Dançando sobre Rodas, da cidade de Taubaté-S P. A metodologia de Rudolf Laban apresenta uma prática baseada na realidade de quem dança, em que não há padronização de movimentos e o maior enfoque é no potencial de criação de indivíduos, os quais são reconhecidos como sujeitos do processo de aprendizagem na dança. Laban, com sua teoria do movimento, mostra que qualquer pessoa pode dançar e criar sua própria movimentação, mostrando a individualidade de cada bailarino, não ficando restrito apenas a uma forma técnica de dança. Já a Psicoterapia corporal utiliza o núcleo de expressão corporal como base dos processos, tendo o objetivo em comum de buscar para ser a livre expressão de afetos e sentimentos, uma via de possibilitar que a energia flua por todo corpo, reestabelecendo o fluxo e trazendo um sentimento de vivacidade, prazer, contato, autopercepção e autoregulação.

As bailarinas participaram de aulas de dança duas vezes por semana com duração de 50 minutos, na cidade de Taubaté/ SP. As aulas foram desenvolvidas da seguinte forma: Aquecimento inicial (trabalho de punhos, torção de troncos, rotação dos ombros e cabeça, trabalho de costas, utilizando a barra de balé clássico), técnicas de mobilidade (impulsionar, girar, subir, descer, empinar parcialmente), processo de estudo de movimento (utilização de chão, técnica de dança contemporânea, exploração da cadeira e suas ferramentas, processo de criação de movimentos por meio de comandos e roteiros), processo coreográfico (criação junto com o professor, criação de roteiros, técnica de contato e improvisação), relaxamento final (soltura da musculatura e alongamento) e processo criativo (o aluno trabalha sua energia corporal, seus pensamentos e emoções, tendo em vista sua estruturação corporal e trabalhando seus movimentos expressivos, respirações e percepções corporais). As músicas eram apenas instrumentais como processo terapêutico proporcionando ao aluno o momento de relaxamento e não tendo influência corporal, por meio das letras.

A carga semanal da Cia Dançando sobre rodas é de duas horas, tendo as apresentações artísticas em diversas cidades, estados e países. Como o processo de estudos é contínuo, os resultados e a avaliação do estudo é um processo, tendo avanços e explorando cada vez mais as habilidades das bailarinas, sem deixar de proporcionar uma reflexão sobre a forma de perceber a dança.

4 Procedimentos metodológicos

A pesquisa caracterizada como longitudinal, contou com a participação de 6 (seis) bailarinas, mulheres, com faixa etária de 13 anos a 39 anos, que atuam como bailarinas numa Cia de Dança par cadeirantes.

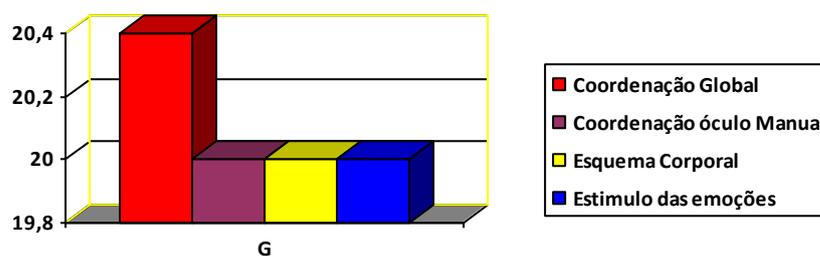
A coleta de dados foi realizada por meio de observação de aulas que duram cerca de 50 minutos, e anotações foram feitas pelo professor da parte técnica somatopsicodinâmica, além de registros fotográficos e filmagens percebendo a evolução corporal de cada bailarina. O processo em si foi desenvolvido desde 2016. Todas as informações têm direitos autorais, e autorização de todas as bailarinas e responsáveis.

5 Resultados e discussões

Os dados da pesquisa foram obtidos a partir dos resultados coletados por meio das observações do professor, depoimentos dos alunos e responsáveis, como forma de melhor representação foi escolhida o uso de gráficos, tabelas e quadros.

Para o cumprimento dos preceitos éticos da pesquisa as alunas serão descritas por siglas para preservação do anonimato. O primeiro ponto levantado foi observado de forma global, a coordenação global, coordenação óculo manual, esquema corporal e estímulo das emoções (quadro 1).

Quadro 1 – Processo de percepção corporal e análise do comportamento.

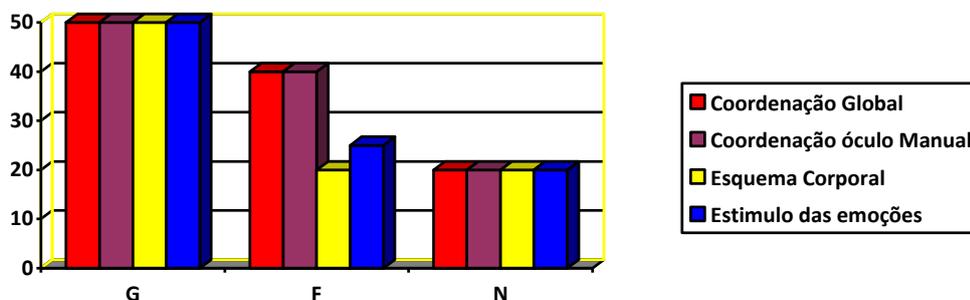


Fonte: Dados da pesquisa, 2016.

Neste gráfico, apresenta-se o início do processo corporal, e foi avaliado de nota de 0 à 100, sendo que as bailarinas não tinham nenhuma noção corporal, então foi feito a avaliação no primeiro dia de aula, junto com sua ficha de anamnese. No ano de 2016, foi mais trabalhado o processo psicológico de aceitação, da sua realidade social, de sua ansiedade e questionamentos. De acordo com Enoka (2000), Machado (2002), Powes (2002), o corpo

humano é composto de muitas particularidades. Ele é uma sociedade de milhões de células. Ao mesmo tempo, dizer que este corpo possui identidade própria, sendo ele produto e produtor é dizer que o corpo faz determinados movimentos e, ao mesmo tempo, resulta deles.

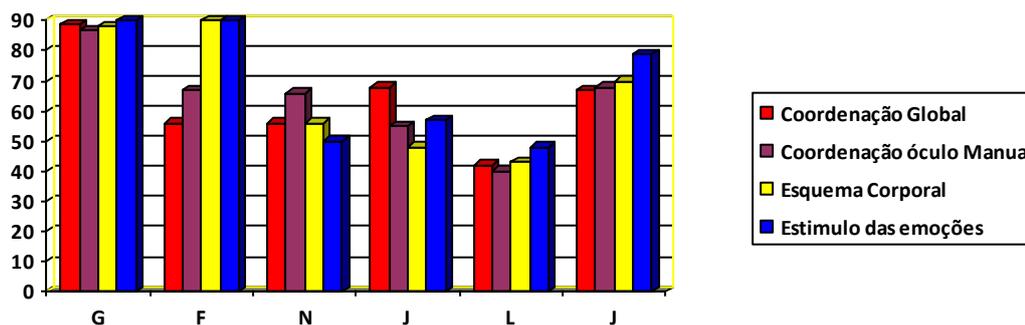
Quadro 2 – Processo de percepção corporal e análise do comportamento.



Fonte: Dados da pesquisa 2017.

Nesse gráfico, apresenta o processo evolutivo psicomotor e seu movimento expressivo, as bailarinas entraram em processos de conscientização corporal, independência para entrar na sala de ensaio, movimentações apropriadas de acordo com cada diagnóstico descoberto. No ano de 2017, as bailarinas começaram a apresentações em escolas, palco e montagem de espetáculo, aumentando sua autoestima e desafiando-as na parte psicomotora e principalmente na preparação psicológica. Neste ano entrou mais bailarinas, denominada N e F.

Quadro 3 – Processo de percepção corporal e análise do comportamento.



Fonte : Dados da pesquisa 2019.

Nesse gráfico percebe uma evolução significativa, devido ao amadurecimento corporal das bailarinas, e acima de tudo, estudos corporais em contato e improvisação, diálogo aberto referente às limitações, ao processos de criação em conjunto, e, vale ressaltar que a autoestima das bailarinas aumentou significativamente. Todo esse resultado teve êxito também com a família, pois elas participaram do processo de reconhecimento dos medos e superação dos

mesmos, uma vez que a família super protegia a bailarina. O professor foi mostrando as suas limitações, e a importância de superá-las. Este processo de amadurecimento levou 2 anos, 2018 e 2019.

6 Discussão

Os estudos em dança para cadeirantes como forma terapêutica vem crescendo ao longo dos últimos cinco anos, mas ainda, fala-se pouco da questão de dança para cadeirantes e metodologias que possam ajudar os professores a trabalharem de forma terapêutica e tecnicamente consciente, que segundo Freire (2001), refere-se às novas propostas de trabalho que passaram a ser elaboradas com a finalidade de explorar e respeitar corpos diferentes no âmbito da dança.

O Censo 2010 (IBGE, 2013) apresenta que apenas 7,4% da população possui uma deficiência com faixa etária entre 0 a 14 anos. Há também há baixa incidência de pessoas com deficiência auditiva (5,1%) e intelectual (1,4%). Embora os dados apontem alta incidência para adultos com deficiência física na população brasileira, infere-se que mais estudos deveriam ser desenvolvidos envolvendo crianças e adolescentes cadeirantes.

Com relação ao aporte teórico, mesmo diante de tanta variedade, há que se destacar o estudioso Rudolf Laban, que foi considerado como base por metade das pesquisas que envolveram programas de dança. Esse fato é justificado pela maneira de esse autor referir-se à dança como um meio para educar, com base em movimentos orgânicos, sendo roteirizados, proporcionando assim, o desenvolvimento de cada um. (LABAN, 1990).

Esse resultado também está relacionado com o número de pesquisas que foram desenvolvidas em Programas de Pós-graduação em Educação, como citado anteriormente, e pelo aporte teórico com base, especialmente em Rudolf Laban, que tratava a educação por meio da dança e a psicoterapia corporal. Assim, tais estudos são importantes, pois se preocupam em achar meios para as pessoas com deficiências terem espaço, uma voz para sua dança e sua forma de se expressar, transformando isso em fazer terapêutico e ao mesmo tempo acessível. Uma forma de expor seus pensamentos e principalmente a forma como elas compreendem seu corpo e dão significado a dança.

Outros estudos também corroboram com esses dados demonstrando como a dança beneficiou o comportamento, a autoestima, a saúde mental (SANTOS; BRAGA, 2010, SILVA; CARVALHO; NETO, 2009), os aspectos motores, como equilíbrio e a organização postural, e aspectos cognitivos e iterativos (MAIA, 2012) de pessoas com deficiência.

Considerações finais

Partindo do objeto de estudo, conta-se uma grande evolução das bailarinas até o ano presente, tiveram uma mudança corporal significativa, refletida nos estudos em sala de aula, tornando mais potentes em técnica de improvisação e chão e seguros na realização do movimento proporcionando uma autoestima maior.

Houve uma melhoria na socialização tanto em questão da sala de aula, como também perante a sociedade, proporcionando independência das bailarinas ao sair da cadeira de rodas e sentar nela, tendo um diálogo mais amplo e uma reflexão nas aulas sobre a importância da movimentação e seu desenvolvimento mental, o respeito com este ser em movimento.

A metodologia utilizada foram anotações de observações realizadas durante o ano de 2016 até o ano de 2019, pontuando a movimentação das bailarinas. Seu desenvolvimento psicológico foi significativo nesse processo de aprendizagem, percebendo sempre sua relação com sua consciência corporal, e o cuidado com o corpo da outra bailarina, proporcionando um contato e improvisação mais consciente e até mesmo o processo de criação de movimento se tornou mais reflexivo.

É notável que a dança para cadeirantes possibilite que o deficiente físico incorpore movimentos por um caminho não-convencional, realizando o rolar, o engatinhar, o ajoelhar com melhor desempenho das articulações nas atitudes de postura mais comum, ou, ainda, com maior facilidade para a passagem de um movimento para o outro. É muito importante executar e perceber esses movimentos, pois eles acontecem a todo momento de forma consciente e inconsciente. A dança permite que esses movimentos, compreendidos em aula, possam ser utilizados em outras ocasiões, principalmente nas atividades diárias.

Novas pesquisas e procedimentos de dança para cadeirantes são necessários, no intuito de esclarecer todo o processo corporal, no que se refere a dança. O estudo corporal de uma pessoa com deficiência física é infinito; quanto mais aprofundarmos nele, mais teremos campo de informações. Isto só vai acontecer quando conscientizarmos que não podemos restringir a um corpo físico, mas também a aspectos ligados a subjetividade deste corpo que fala, que tem sua identidade construída por meio de processos corporais terapêuticos.

Incluir significa transpassar as áreas da vida humana: saúde, esporte, lazer. É um movimento que se preocupa com valores inclusivos, proporcionando processos contínuos de desenvolvimento na construção deste sujeito que sente, pense e age.

Referências

ASSOCIAÇÃO DE ARTETERAPIA DO RIO DE JANEIRO, Estudos em Arteterapia: diferentes olhares sobre a arte, **Cadernos da AARJ**, n. 1, Rio de Janeiro-RJ: Walk Ed., 2009.

BARROS, D. D, Habilitar-se reabilitar O Rei esta nu? **Portal de revistas científicas em ciencia da saude**: v. 2, n. 43, p. 100-4, jun-set 1991.

BRAGA D.M. *et. Al.* Benefícios da dança esporte para pessoas com deficiência física. **Rev. Neurociências** 2002. Disponível em [http:// www.revistaneurociencias.com.br](http://www.revistaneurociencias.com.br). Acesso em: 23 mai. 2021.

FERREIRA, E. L. Corpo movimento deficiência, as formas dos discursos da/na dança em cadeira de rodas e seus processos de significação, **CBDCCR**, 2005.

MIRANDA, R. **O movimento expressivo**.Rio de Janeiro:Funarte, 1979.

VALDEVITE; N. M., N, STIPPLET. *et. al.* *Paralisia Cerebral versus fisioterapia*. Associado a dança. Disp em [http:// www.usp.br/siicuso/resumossiicuso4791.pdf](http://www.usp.br/siicuso/resumossiicuso4791.pdf). Acesso em: 23 mai. 2021.

VIANA, K. **A dança**.São Paulo: Siciliano,1990

MATTOS, C. A. De; RAMOS, M. I. B. (Org.). **Psicomotricidade**: educação especial e inclusão social, 2 ed. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.